

Reflexões de um antropólogo andino – amazônico da América do Sul, sobre o coronavírus

José Marín¹
Genebra, verão 2020

- **Os anciãos confinados...**

Nas antigas culturas indígenas da região andina sul-americana, o pior castigo que se poderia impor a uma pessoa era convertê-la em “Huaccha” (órfã). Os indígenas consideram que a verdadeira pobreza não é material e sim a solidão física e espiritual. Submeter alguém à situação de órfão significa expulsá-lo do mundo social coletivo e reduzi-lo a uma solidão imposta. A solidão como castigo é uma situação de vida que pode ser considerada como sendo a mais miserável entre todas as existentes.

Todos nós necessitamos dos demais para construir-nos. Ninguém se constrói sozinho. Necessitamos das demais pessoas para tecer as relações sociais, afetivas e emocionais que nos permitam existir. A mais simples das relações sociais é interpessoal. O “eu” que nos possibilita situar-nos na sociedade é também o “tu” com o qual os outros nos nomeiam. A atual pandemia que aflige a humanidade ataca e faz suas vítimas entre as pessoas mais frágeis e mais pobres da sociedade.

Em alguns países europeus e no mundo ocidental uma das medidas tomadas para resistir a esse flagelo tem sido o distanciamento social, racionalmente justificado. Como imposição social de defesa, tem sido aplicada preferencialmente entre as pessoas idosas, com mais de 65 anos de idade. Essa população é considerada de alto risco, uma presa fácil para o Coronavírus/(Covid-19).

Diante dessas circunstâncias, as pessoas assim chamadas da “terceira idade” foram confinadas, isoladas e excluídas de suas relações familiares e sociais. A ação de restringir sua vida, privando-as do fundamento sócio afetivo e emocional e do mundo exterior, tem o efeito de retirar a base vital que é necessária, tanto quanto o oxigênio, para sobreviver. Sabemos que a solidão e o isolamento podem ser muito negativos para a saúde mental das pessoas anciãs. As mortes entre as pessoas da terceira idade, causadas pela pandemia na Itália, Espanha e outros países, assinalaram na sua maioria a solidão e muitas vezes o isolamento total.

¹ Professor afiliado à Université de Genève, na Suíça.

Essa experiência pode servir como uma referência para ajudar-nos a refletir sobre os prejuízos dessa medida e a corrigir os efeitos perversos da mesma, tal como foi aplicada. Distanciar os anciãos de seus familiares e das pessoas próximas foi uma ação que os fez sofrer muito. Em alguns casos, como acompanhamos aqui na Europa são os exemplos da Itália e da Espanha, onde anciãos foram privados dos cuidados médicos necessários e morreram ao contrair o vírus, sem contar com o alívio necessário em sua agonia.

Para além da pandemia, uma reflexão intercultural nos permite aprender com outras culturas o modo de enfrentar a velhice e a morte. Há certos princípios de convivência humana que podem servir para uma vida melhor e mais participativa com as demais pessoas. Assumir coletivamente a morte é menos doloroso do que morrer na solidão e abandono total. No caso das pessoas da terceira idade, na Europa ocidental podemos constatar que os anciãos já viviam confinados em instituições, ou sobreviviam solitários e isolados em suas moradias, muito antes das medidas de distanciamento impostas pela pandemia.

A solidão para os idosos é uma das consequências da ruptura da família tradicional, instituição tutelar da comunidade familiar. A família como instituição social tem sido abalada e desgastada pela crise profunda da sociedade pós-capitalista, que provocou o aumento dos divórcios e a fragmentação familiar, tendo como consequência uma individualização crescente das pessoas.

A sociedade ocidental tem sido corrompida por mutações socioeconômicas, psicológicas e culturais profundas, provocadas pela globalização. Essas mutações têm posto à prova a sociedade e sua identidade como tal. Além disso, devemos assumir que essa crise tem multiplicado o sentimento da ausência de futuro. Esse sentimento foi corroendo o imaginário coletivo e alimentando a angústia e a incerteza crescentes, impostas pela atual pandemia. Nossa identidade como espécie está em discussão.

- **A pandemia desafia os limites da racionalidade científica ocidental**

Essa crise constitui um verdadeiro desafio epistemológico: o que realmente sabemos do mundo que nos rodeia? Devemos aceitar com humildade o fato de que não somos proprietários de nenhuma verdade definitiva. Tudo está em movimento. O Coronavírus teve a capacidade de desarticular os fundamentos do neoliberalismo enquanto ideologia da globalização capitalista, que sustentava a crença de que o

mercado poderia ser o gestor da saúde pública. Essa é uma falácia socioeconômica que veio a ser amplamente desbaratada. O mercado e a inteligência artificial não somente não podem prevenir, explicar e assumir a pandemia, como também são incapazes de assumir os problemas sociais que nos afligem.

O Estado Social como construção coletiva tem demonstrado ser uma alternativa. Descobrimos no meio da crise que as soluções são coletivas e assim se constroem. Também foi comprovado que o individualismo, outro paradigma neoliberal, não é uma posição alternativa capaz de assumir os desafios coletivos que a pandemia nos impõe.

Necessitamos estar unidos e solidários para nos ajudarmos mutuamente em situações de futuras catástrofes sanitárias, crises de alimentos e desastres ecológicos. O Estado, tão difamado pelo neoliberalismo, tem demonstrado ser o contrário. Pode e deve encarnar uma dimensão social, democrática e solidária, a serviço de todas as pessoas.

- **Corona vírus e natureza: somos somente mais uma espécie viva.**

Diante da natureza e da nossa mãe Terra, necessitamos de uma grande modéstia e de uma enorme humildade que nos permitam aceitar, por princípio, que somos uma espécie viva a mais, entre muitas outras. E que somos uma parte da natureza, da biosfera. Muitas espécies vivas desaparecem todos os dias e nós enquanto espécie também podemos desaparecer.

A natureza continuará a existir, como no princípio dos tempos. Já dizia o grande antropólogo belga *Claude Lévi-Strauss*: **A vida iniciou-se sem o homem e pode terminar sem ele.** Somos seres vivos que têm uma existência e uma presença de muito pouco tempo de duração nesse mundo. *Homo Sapiens* é uma espécie das mais recentes nesse cenário, comparado às bactérias, aos vírus e outras formas de vida que habitam a biosfera, há milhões de anos.²

Estamos diante de um desafio epistemologicamente enorme, que nos obriga a repensar a maneira pela qual construímos nossas percepções e elaboramos nossos conhecimentos. O argumento que sustentou o discurso colonial separou arbitrariamente a natureza e o homem. Em seguida atribuiu à inteligência racional a capacidade de criar

² Um exemplo de como o planeta vai possibilitando a vida ou não do homem são os estudos e investimentos voltados à lua e a outros planetas, somente com a vida já em desenvolvimento com esses outros seres vivos é que o homem pode vir a habitá-lo. A não existência desses seres vivos impactam diretamente a não existência humana.

a cultura ocidental, que por si mesma pretendia explicar todas as realidades. Devemos recordar e podemos afirmar: *não pode haver cultura sem natureza. A natureza é a matriz e gera a cultura.* Para os indígenas não há cultura sem a natureza que a origina: *Indígena sem território é indígena morto.*³

Para compreender a pandemia atual, necessitamos mudar profundamente nosso imaginário ocidental, herdado do judaico-cristianismo, sobre o qual construímos nossa visão de mundo antropocêntrica. Essa visão permitia aos humanos sentirem-se os fatores da criação divina, da qual afirmavam ser os herdeiros universais e proprietários do mundo. Além disso, esse mundo era considerado o centro do universo. Nossa visão antropocêntrica e eurocêntrica permitiu-nos perceber e imaginar um mundo no qual poderíamos dominar e dispor das outras formas de vida.

O eurocentrismo, como identidade cultural e político dominante, encarregou-se de explicar o mundo ocidental, como única referência válida desde o século XV, para assinalar o início dos impérios coloniais liderados pela Espanha e Portugal. Posteriormente foram os domínios coloniais da França, Holanda e Bélgica que sucederam a essa dominação. Imperialismos como o inglês e o norte-americano prolongaram-se até os nossos dias.

Diante da exigência de explicarmos as múltiplas dimensões e realidades que a pandemia nos impõe, necessitamos imaginar a construção de uma visão global e multidimensional para abordar uma reflexão abrangente. Estamos diante de nós mesmos, tratando de compreender e localizarmo-nos nesse labirinto de incertezas. Acreditamos que a História possa ajudar-nos.

Vale recordar que, nos meados do século XVI realizou-se a Controvérsia de Valladolid, na Espanha (1550-51). Esse fato histórico foi uma disputa teológica para saber se os indígenas da América possuíam uma alma, ou não. A confrontação ocorreu entre o Padre Domínico Bartolomé de las Casas e o teólogo Ginez de Sepúlveda.

Bartolomé de las Casas afirmava e defendia que os indígenas são seres humanos e possuem uma alma. Sepúlveda rebatia essa afirmação, no sentido de que os indígenas não são humanos e não possuem uma alma. A conclusão foi que os indígenas eram parte da animalidade da qual o homem poderia dispor nas diferentes formas de vida, como ser pertencente à humanidade.

³ Porque para ser indígena precisamos de uma coletividade, de uma territorialidade, de um pertencimento e este é imbricado com a natureza. A comunidade indígena seu etos próprio vinculado a espiritualidade da natureza.

Essa polêmica teológica e filosófica consagrou a separação arbitrária da espécie humana em duas categorias: A primeira seriam os que pertenciam à humanidade, entre os quais se encontravam os colonizadores e seus descendentes. A segunda seriam os que pertenciam à animalidade, entre os quais estariam os indígenas e os escravos africanos.

Além disso, os colonizadores e seus descendentes consideravam-se parte da criação divina. Em consequência seriam os legítimos herdeiros e detentores do direito de dispor dessa criação. Esse fato legitimou a dominação de todas as outras espécies vivas, incluindo a natureza, os indígenas e os escravos africanos. Esses últimos seriam parte da animalidade, por não possuírem alma.

- **Racismo e memória histórica**

Essa premissa foi utilizada historicamente para fundamentar o *racismo colonial* que estabeleceu as raízes do racismo como ideologia, até os nossos dias.

Esse discurso justificou os efeitos perversos do colonialismo e do pós-colonialismo: a dominação, a subordinação, a exclusão e a exterminação dos povos submetidos.

O racismo organizou e hierarquizou a sociedade, fragmentando-a biologicamente e socialmente. Utilizaram-se argumentos pseudocientíficos para justificar essa nova ordem.

A ideologia da superioridade da raça branca fez um itinerário em todo o planeta, desde a guerra civil nos Estados Unidos, passando pelo surgimento de uma raça superior ariana como tese empunhada pelos nazistas na Alemanha e a dolorosa experiência sul-africana do *Apartheid*.

Esse último movimento teve Nelson Mandela como o mais notável mentor da resistência do povo sul africano na cruzada antirracista.

Atualmente, a ideologia da supremacia da raça branca nos Estados Unidos é a herdeira do racismo colonial e a vértebra da *KuKlux Klan*, organização racista que atualizada, foi liderada por Steve Bannon como ideólogo e encarregado de dirigir a campanha eleitoral de Donald Trump, tornando-se assessor do mesmo no seu primeiro governo.

Em 2019 Steve Bannon assessorou Marina Le Pen na França, Mateo Salvini na Itália e Victor Orban na Hungria, durante as últimas eleições europeias, todos líderes da

extrema direita racista. Bannon também fez declarações ao candidato ao governo do Brasil, Jair Bolsonaro reconhecendo-o como “muito parecido” ao Trump.

- **As raças biogeneticamente não existem**

O racismo sim há como ideologia e se sustenta nas categorizações e hierarquizações biológicas, sociais e culturais que fragmentam a espécie humana. A separação entre a humanidade e a animalidade foi o argumento para justificar o tráfico escravo dos africanos e a exploração, e a dominação e o genocídio dos povos indígenas na América. Os colonizadores se consideravam os herdeiros do criador divino e de toda a sua obra. Foi assim que conseguiram, sem nenhuma culpabilidade, dispor da natureza, dos escravos africanos e ameríndios, todos sendo considerados parte da animalidade na sua concepção criminoso.

- **A separação ente a cultura e a natureza**

O fundamento da separação entre a cultura e a natureza foi a referência que sustentou a visão de mundo ocidental. Essa visão isolou o homem das outras espécies vivas. A pandemia nos recorda que a falácia da separação entre o homem e as outras formas de vida existentes na natureza levou os humanos a um comportamento depredador durante séculos. Esse fato justificou a execução do *ecocídio* que a natureza sofreu. O comportamento dos humanos é a origem do caos. Como eternos conquistadores e destruidores da vida-natureza, vivemos agora os efeitos perversos e a degradação crescente dos espaços que habitamos.

- **Toda ação provoca uma reação**

A destruição dos ecossistemas, o desflorestamento e o desmatamento dos bosques que o processo de destruição provoca, implica diariamente em desalojar e expulsar milhões de seres vivos de seus respectivos “habitats”, seus ecossistemas e seus lugares de vida.⁴ Essas ocorrências obrigam as vítimas que sobrevivem a adaptar-se e a

⁴ No Brasil o ecossistema do Pantanal que queimou por meses sem uma intervenção imediata de defesa dos governos, compõe a região do Chacos como um grande patrimônio ambiental da América do Sul, com 1.280.000 km² localizado na região central partilhado pela Bolívia, Paraguai, Argentina e pelo

migrar em uma busca desesperada para encontrar outras formas de sobrevivência. Pensemos nos animais que coabitaram com o vírus nas florestas, como os morcegos. Durante milênios essas florestas os alojaram. Depois do desflorestamento e da destruição de seus ecossistemas, eles debandaram para as áreas urbanas, levando seus vírus respectivos⁵. Foram esses vírus que se transportaram para os humanos, alojando-se neles de forma compreensível, como alguém que busca o verdadeiro culpado de sua tragédia.

- **Um olhar para o espelho**

Temos traços semelhantes aos dos piolhos órfãos, com um olhar perdido e asfixiados pelas incertezas e ansiedades que nos assolam, diante da constatação do desaparecimento do futuro. Além disso, sobrevivemos com a única certeza de que as desigualdades e o egoísmo crescem e se multiplicam, mas nisso expõem a precariedade das nossas existências.

Nada da velha vida social do passado recente que nos possibilite recordar de alguma realidade, nada seguirá existindo agora e no futuro.

José Marín
Genebra, verão de 2020

Brasil. A destruição e o lamento das comunidades e das pessoas que vivem deste ecossistema lutaram entre as chamadas para proteção das árvores, dos animais e de suas formas próprias de viver num espaço frágil da vida cíclica das águas marcada pelas mudanças climáticas do planeta.

⁵ Neste deslocamento dos animais de seus contextos na luta pela sobrevivência de sua espécie, de suas vidas, denunciam a fragilidade do humano que ao de despartar da natureza e viver de suas tecnologias dependentes dela, colocam-se em risco cada vez mais invisíveis como suas noções de desenvolvimento econômico.